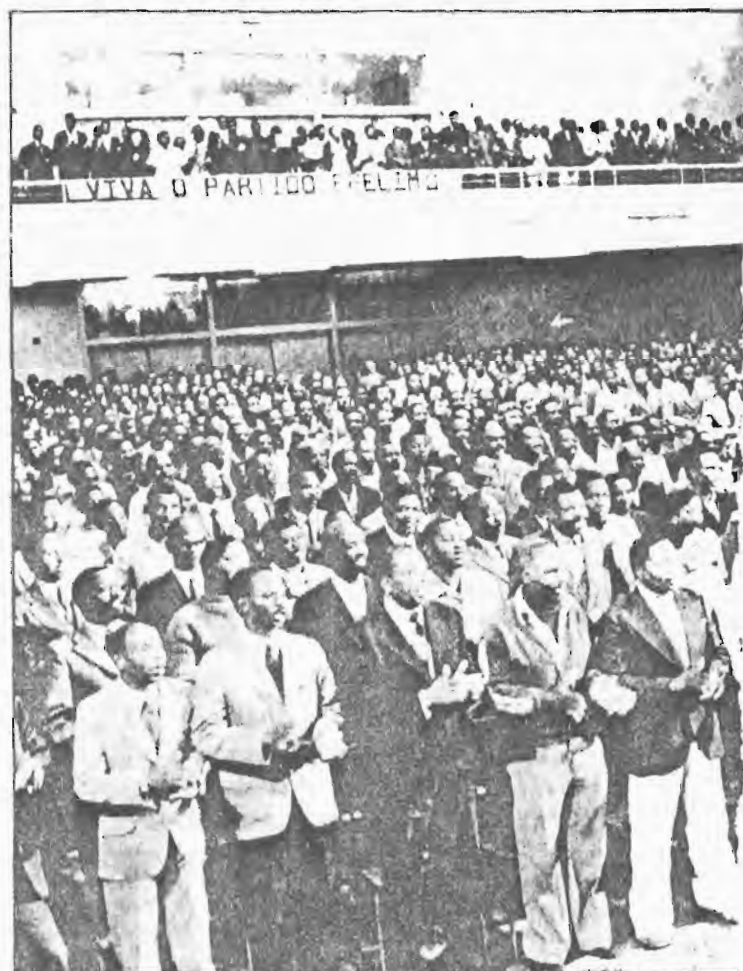




Ganhar mais moçambicanos para reconstrução nacional

- Um só homem, um só punho na defesa da liberdade



Na reunião com os (ex) comprometidos com o regime colonial (TEMPO n.º 609) foram ganhos mais moçambicanos para a Nação. Pessoas destruídas pelos compromissos que haviam assumido, pessoas que haviam vendido a consciência a troco de um salário de sangue foram declaradas cidadãs da RPM — apesar de tudo.

Acto de coragem desta organização que se cria e se recria desde há 20 anos, ele vem enriquecer ainda mais esta quadra festiva principalmente porque nesta altura se terão realizado todas as reuniões de reintegração dos (ex) comprometidos em todo o País.

O discurso pronunciado pelo Presidente Samora Machel é um documento para a História, um documento para ser lido e meditado neste 7.º aniversário da Independência Nacional.

Compatriotas,
Cidadãos da terra livre:

A história da luta do Povo moçambicano pela sua libertação total e completa foi por nós aqui revivida durante cinco dias.

Foram dias em que recordámos como o colonialismo português utilizou um punhado de moçambicanos para tentar impedir o nascimento da Pátria moçambicana.

Usando o método que é nosso e que foi provado durante a luta de libertação nacional — de falar directa e fundamentalmente dos nossos problemas, organizámos esta reunião.

Através da narração dos crimes que vocês cometeram, o nosso objectivo foi conhecer mais profundamente a história do sofrimento do Povo

moçambicano. Conhecer também os feitos heróicos daqueles que se sacrificaram para que nós, hoje, possamos estar aqui.

Neste processo, procuramos fazer com que vocês encontrassem o caminho para se libertarem do passado a que continuam ligados.

Libertar-se do passado não é ter medo de reconhecer que ele existe. É olhá-lo de frente. Quiçamos que tivessem a coragem de encarar frontalmente a realidade do vosso passado para o assumirem e dele se libertarem verdadeiramente.

OS ional



Por isso queremos que vocês se libertem para que, como cidadãos no gozo (pleno) dos seus direitos e deveres, possam participar activamente nas grandes tarefas da defesa da Pátria e da reconstrução nacional.

CONHECER O PASSADO PARA COMPREENDER O FUTURO

Entoámos numerosas vezes «Não vamos esquecer o tempo que passou» pois sentimos a necessidade de aprofundar sempre o conhecimento do passado para aumentar permanentemente a nossa capacidade de compreender e resolver os problemas do presente e perspectivar correctamente o futuro que desejamos.

Esta reunião tornou mais uma vez clara a complexidade da situação criada no nosso País pelo colonialismo.

Aqui, é bom recordá-lo, reunimos apenas uma pequena parte daqueles que directamente estiveram comprometidos com a defesa do colonialismo.

Confrontámo-nos aqui com alguns dos que eram pilares e instrumentos essenciais do sistema de opressão e repressão do colonial-fascismo.

Confrontámo-nos aqui com alguns que resistem a enterrar o cadáver do colonialismo, que o reflectem no seu olhar e persistem em transportá-lo nas costas.

A realidade que constatámos espelha a situação de milhares de outros moçambicanos que, em todo o País, foram usados durante o colonialismo como executores despersonalizados da sua política. Em todo o País, encontramos esta realidade; um punhado de moçambicanos que participaram como agentes directos da repressão brutal do colonialismo, que negaram a liberdade do Povo e exaltaram os valores coloniais para fazer viver a opres-

A vossa descolonização mental é o nosso objectivo principal.

Só assim estarão em condições de assumir o compromisso com a Pátria libertada, com a nação moçambicana.

Somos a primeira geração de homens livres no nosso País. O futuro depende de nós, depende do que fizermos agora.

Temos a responsabilidade de assegurar hoje a felicidade das gerações vindouras e ninguém pode ficar marginalizado neste processo.

são e a humilhação, que combateram a sua própria libertação, moçambicanos que denunciaram, torturaram, mataram e massacraram.

Este punhado de moçambicanos vivia das migalhas e palmadinhas nas costas dos seus chefes coloniais.

A sua vida era serem carrascos para receberem pequenos favores dos seus patrões fascistas.

A vida deste punhado de moçambicanos era sugar o sangue do povo trabalhador, alimentando-se da morte dos cidadãos honestos.

Ouvimos uma parte da História do nosso País. A História degradante daqueles que iam ficando cada vez mais presos ao compromisso, ao servilismo face aos patrões, à arrogância para com o povo, ao prazer sádico da tortura.

Encontrámos por isso os múltiplos e pérfidos meios de que se servia o colonialismo, desde os mecanismos de manipulação ideológica aos agentes da denúncia, da opressão e tortura, desde as organizações de apoio e conforto moral às hordas de assassinos sedentos de sangue.

Confrontámo-nos com a viscosa realidade dos ANPs, os membros do partido colonial fascista.

Confrontámo-nos com os instrumentos directos da opressão, com a face secreta, brutal e suja dos Pides.

Confrontámo-nos com os comandos, pontas de lança do exército colonial, metodicamente treinados para os massacres, para o aniquilamento e para a destruição.

Denunciámos a imagem sinistra dos GEs e dos GEPs, encontrámos os voluntários da traição.

Ouvimos os OPVs, o corpo de enquadramento civil de participação e apoio à máquina de guerra colonial-fascista.

Ouvimos dos elementos do Movimento Nacional Feminino e das madrinhas de guerra a pobreza da motivação que as envolveu no compromisso.

Libertámos os régulos, os sipaios e os administrativos do estigma de um passado triste, evocador da palmatória, do chibalo e da humilhação, quotidiano do nosso Povo.

Repugnou-nos ouvir os fantoches que o colonialismo preparou na tentativa vã de prosseguir por outras formas a sua dominação, os elementos desses grupelhos criados para dividir o nosso Povo, para se oporem à Frelimo e aos nossos objectivos sagrados de libertação nacional.

Todas estas categorias constituíam parte integrante de um mesmo todo coerente. Através delas o colonial-fascismo dividiu tarefas, definiu áreas de actuação, atribuiu e diferenciou responsabilidades, escalonou acções e sua execução.

COM DIFERENTES NÍVEIS DE COMPROMETIMENTO TODOS FORAM OBSTÁCULO À LIBERTAÇÃO

Com diferentes níveis de compromisso, diferentes envolvimento, todos estiveram ao serviço da dominação, todos foram objectivamente obstáculo à libertação do Povo, obstáculo à nossa Inde-

pendência. Retardaram a nossa libertação, retardaram a nossa independência.

Concentrámos a nossa acção nos mais fiéis instrumentos do colonial-fascismo.

Vimos como a ANP constituía o suporte político e ideológico fundamental do sistema colonial fascista.

Os seus membros definiam e difundiam os valores contrários à liberdade, à independência e à unidade nacional, negaram a personalidade moçambicana, a nossa cultura, o nosso exaltante passado de resistência e heroísmo.

A ANP procurava assimilar os moçambicanos a uma realidade e a uma história alienantes e estrangeiras, preparava e forjava os quadros que deviam perpetuar a dominação.

A ANP era o viveiro que alimentava em quadros as demais estruturas da máquina colonial-fascista.

Vimos como, no seio da ANP, moçambicanos aceitaram assumir as mais diversas tarefas e responsabilidades.

Aceitaram participar em estruturas directivas da organização, julgando que dessa forma partilhavam do exercício do poder colonial, quando apenas eram lacaios que o colonialismo utilizava e exibia nas assembleias internacionais, nos banquetes e recepções, nas vergonhosas manifestações de exaltação da guerra colonial.

Nos PIDEs vimos os instrumentos permanentes de protecção e reforço da máquina colonial.

Vimos, nos PIDEs, as formas mais bárbaras e brutais como eram eliminados os patriotas, os nacionalistas, os simples descontentes, os meros inimigos pessoais.

Ouvimos, com revolta, a descrição dos crimes e atrocidades por eles cometidos secretamente no corpo indefeso de homens, mulheres e crianças, a violência feroz como destruíam as suas vítimas. Constatámos, com horror, as suas técnicas de tortura, de mutilação, de assassinato.

Nos PIDEs vimos a utilização das mais pérfidas tácticas de recrutamento, ouvimos como a ambição pessoal, os vícios, a mentira, a marginalidade, a miséria, o desemprego eram cuidadosamente utilizados e provocados no aliciamento para um comprometimento assumido até às suas últimas consequências.

Nos PIDEs recordámos as atrocidades cometidas na Vila Algarve, e nas prisões da Machava e da Ilha do Ibo, vimos de novo as celas manchadas de sangue, os afogamentos calculados de prisioneiros indefesos, os estrangulamentos sádicos, os assassinatos a sangue-frio nas salas de tortura, recordámos a existência de milhares de túmulos anónimos de patriotas, espalhados pelos cantos escondidos do nosso País, as valas comuns abertas no segredo da noite.

Esta acção animalésca e sinistra está presente sob todas as suas formas e graus em cada um dos grupos de PIDEs que aqui analisámos: os agentes, os guardas prisionais, os informadores, os motoristas, os burocratas, os mecânicos, os serventes.

Eles carregam consigo o peso do luto nacional, as lágrimas, a dor de milhares e milhares de mulheres e crianças de famílias moçambicanas.

Nos OPV's recordámos a sinistra guarnição dos campos de concentração chamados aldeamentos; os destruidores da integridade moral do homem moçambicano; os raptos das populações das zonas libertadas; os violadores de mulheres; os pistoleiros impiedosos na pegada dos guerrilheiros, abrindo caminho ao assalto do exército colonial e ao massacre das populações.

Nos COMANDOs, força de choque do exército colonial, e na escória auxiliar desse exército, os GE's e os GEP's, constatámos a frieza brutal das acções do inimigo directo que defrontámos e derrotámos na guerra. Ouvimos como realizavam operações de repressão, de morte e de destruição dos bens e meios de vida do Povo nas zonas de guerra. Ouvimos como, ao aterrorizar e massacrar o Povo queriam liquidar o guerrilheiro; por outras palavras, pretendiam secar a água para matar o peixe.

Em todo este processo compreendemos também, através de muitos dos relatos feitos, o papel desempenhado por um sector importante da Igreja Católica no nosso País.

Houve padres e bispos que foram recrutadores da PIDE, que seleccionavam quadros e agentes, formavam-nos ideologicamente. A hierarquia católica em Moçambique permitiu que capelas e igrejas fossem transformadas em bases de assalto para os massacres; em bases operacionais onde se fortalecia a consciência do opositor; em bases acolhendo a corrupção e retemperando, para novos massacres, a brutalidade dos soldados coloniais.

A mão da Igreja Católica não só cobriu com a sua bênção as expedições do exército colonial como encorajou e deu cobertura às acções mais vis de repressão. Mas também, sempre que foi necessário, a Igreja Católica procurou eliminar entre os seus membros e no seio da sua hierarquia aqueles que levantavam a voz para denunciar os crimes, os massacres, a humilhação e a discriminação permanentes de que o nosso Povo era vítima.

NÃO É FÁCIL O PROCESSO DA LIBERTAÇÃO

Compatriotas,

O modo como decorreu esta reunião confirmou-nos que não é fácil o processo da vossa libertação.

Assistimos, aqui mesmo, a diferentes tipos de comportamento, a diferentes maneiras de reagir quando vos quisemos fazer enfrentar o vosso passado para encontrarem as vias para construir um novo e diferente futuro.

Alguns de vocês, chamados a dizerem a verdade do vosso passado, refugiaram-se numa alegada ignorância, procuraram diluir as vossas responsabilidades, ocultaram factos e ocultaram-se por detrás da inconsciência ou do esquecimento, vestiram a pele de vítimas e não a de agentes acti-

vos e conscientes, que foram, das acções que praticaram.

Desculpando-se e justificando-se, mostraram-nos que continuam escravos do colonialismo.

Mostraram que não entenderam ainda a mensagem, o significado profundo das transformações que se deram no nosso País.

Mostraram que ainda não compreenderam o que significou e significa a independência conquistada e a nova sociedade que estamos a construir.

Mostraram que continuam visceralmente ligados ao passado de que vos queremos libertar.

Alguns de vocês mostraram que ainda não estão independentes, que ainda não se libertaram porque procuraram minimizar ou ocultar o que fizeram enquanto inimigos do combate libertador.

A vossa libertação só será verdadeira e completa quando souberem lucidamente compreender e assumir a tragédia do vosso compromisso, o preço que ele fez pagar ao Povo moçambicano em dor, em sofrimento e em luto.

Outros apareceram aqui ainda carregados de arrogância, evocando os seus crimes em atitudes desprovidas de vergonha e de pudor, mostrando que persistem neles defeitos e vícios que os fizeram eleger como agentes do colonial-fascismo.

Finalmente, muitos mostraram que souberam assumir a responsabilidade do seu passado, evidenciaram o crescimento do nível das suas consciências, demonstraram vontade patriótica de participar activamente nas tarefas da defesa da Pátria e da reconstrução nacional.

A esses, saudamos, vivamente.

Ao longo desta reunião, ao evocarmos a nossa História, vimos como o colonial-fascismo de tudo lançou mão, desde a complacência dócil à intimidação, à corrupção e à chantagem.

O colonial-fascismo assaltou consciências, despersonalizou, humilhou, destruiu homens e mulheres moçambicanos que depois abandonou e deixou entregues à sua vil traição.



«O colonialismo, do Rovuma ao Maputo, fez dos seus agentes homens despídos de consciência, pervertidos na sensibilidade e dignidade, depravados nos costumes, indiferentes ao choro de uma criança, às lágrimas de uma mulher»



«Os autores dos crimes também se tornavam vítimas dos crimes que cometeram. O colonialismo e fascismo, ao transformarem os seus agentes em lacaios sanguinários, destruí-os como seres humanos, retira-lhes a honra e dignidade»

A nossa revolução é generosa e é humana. Ela acredita na imensa capacidade de transformação da consciência. A opressão não tem nela lugar. É esta a essência do processo que estamos a conduzir para vocês se libertarem.

O COLONIALISMO DESTROÍ OS SEUS AGENTES COMO SERES HUMANOS

Compatriotas,

Vimos como o colonialismo, do Rovuma ao Maputo, fez dos seus agentes, feras com máscara humana, homens despidos de consciência, perversos na sua sensibilidade e dignidade, depravados nos costumes, indiferentes ao choro de uma criança, às lágrimas de uma mulher.

O colonialismo retirou-vos a família. Muitos aqui não podiam dizer à sua mulher, aos seus filhos a natureza do seu trabalho, não podiam entrar em casa e orgulhosamente falar do trabalho bem feito. Não podiam explicar ao filho como tinham denunciado alguém, contar à mulher como torturaram uma vítima, explicar à mãe como assassinaram uma criança.

O colonialismo retirou-vos o Povo e negou-vos a Pátria.

Fez de vocês, pretos, brancos, mulatos, indianos, diferentes graduações de pele, diferentes complexos, que, inclusivamente, vos levavam a ter

vergonha da mãe, do avô. O colonialismo reduziu-vos a tribos, clãs, a pequenos grãos dispersos, sem história, sem cultura, sem personalidade. O colonialismo fez-vos ter vergonha do trabalho honesto do pai, considerado baixo, do prato delicioso cozinhado pela mãe, declarado cafreal. O colonialismo mandou-vos ler discursos elogiando esta degradação e ensinou-vos a ter orgulho quando se cobriam de ridículo, orgulho de carregar à cabeça o balde cheio e furado, orgulho de ser lacaios e escravos.

Assim, os autores dos crimes também se tornavam vítimas dos crimes que cometeram. O colonialismo e fascismo, ao transformarem os seus agentes em lacaios sanguinários, destruí-os como seres humanos, retira-lhes a honra e dignidade.

A primeira constatação desta realidade talvez surgiu para alguns de vocês, quando o colonialismo em debandada não vos quis levar nem nos porões do último paquete.

Já vos tínhamos prevenido na mensagem de 25 de Setembro de 1973. Dissemos, então, que os agentes moçambicanos do colonialismo não teriam lugar no último barco, no último avião, que levariam os destroços do colonialismo.

Foi assim em Moçambique, foi assim na Argélia, no Vietname, em todos os lugares em que o colonialismo foi derrotado.

Mesmo aqueles que nos seus discursos se diziam portugueses e identificavam o castelo de Guimarães como berço da sua nacionalidade, ficaram sem lugar no castelo de Guimarães.

É este o triste destino dos lacaios e fantoches. O Xá da Pérsia nem tinha lugar para morrer. Os seus patrões expulsaram-no do hospital nos Estados Unidos.

Somoza foi escorraçado de Miami pelos seus patrões, para ser abatido numa rua do Paraguai fascista.

Repetimos mais uma vez aos lacaios e fantoches de hoje, prevenimos mais uma vez aos agentes e bandidos, que não terão lugar em Pretória. Serão rejeitados pelo Povo sul-africano. Os racistas em fuga não os levarão consigo, estarão mais preocupados em transportar o cãozinho de estimação que o lacaios.

Precisamente por causa desta reunião, um elemento da Segurança entregou-se aos racistas de Pretória: Jorge Costa. Vejam vocês, como são: às vezes são como rabo de cão. Sabem o que quer dizer rabo de cão? O rabo do cão está sempre dobrado, não é verdade? Se se arranja um tubo, para meter e amarrar durante três anos, no dia em que tirar, dobra-se de novo.

De tudo isto vos veio libertar a Frelimo.

A FRELIMO TROUXE A LIBERDADE ATÉ PARA AQUELES QUE A RECUSAVAM

A Frelimo trouxe para todos a liberdade e generosidade até para aqueles que a recusavam.

A Frelimo protegeu-vos. Educou o povo no sentido da clemência para os criminosos que vocês são. Educou o povo para não se vingar nem exercer sobre vocês o acto de justiça que as vossas acções mereciam. Para vocês que por todo o nosso País

semearam a dor e o luto, a nossa Revolução soube ser generosa, olhando para os vossos filhos, olhando para as vossas mulheres, olhando para as vossas famílias.

A Revolução deu-vos a oportunidade de se fazerem como homens. A Revolução deu a cada um a oportunidade de se libertar do passado de indignidade e crime, para construir um presente e um futuro de honra e trabalho honesto.

Começámos por pedir que voluntariamente apresentassem as vossas biografias, indicassem o vosso compromisso, tomassem consciência da natureza e profundidade dos crimes e traições cometidos.

Afixámos as vossas fotografias.

Estas acções impediram, por um lado que o inimigo exercesse chantagem sobre vocês, e, por outro lado, permitiram que se dessem os passos iniciais da vossa recuperação.

Nos vossos locais de trabalho, o Povo, o Partido exerceram uma acção de vigilância e reeducação uma acção de transformação de criminosos em homens, homens com dignidade.

Esta reunião visou um aprofundamento da consciência da responsabilidade pessoal nos crimes cometidos pelo colonialismo.

Demonstrou que o discurso feito pela ANP, afirmando a portugalidade de Moçambique e o repúdio à independência, tinha como consequência a denúncia do patriota pelo informador da PIDE, a tortura e o assassinato do militante e culminava logicamente no massacre cometido pelo comando ou GEP. Os crimes do colonialismo e do fascismo, as torturas, os assassinatos, os massacres, foram um todo que responsabiliza cada um.

Quer isto dizer que não houve pequenas tarefas de agentes do colonialismo, não houve pequenos compromissos. Quem quis o colonialismo, quem defendeu o colonialismo, quis necessariamente a guerra colonial, defendeu necessariamente os crimes e os massacres do colonialismo.

Nenhum agente do colonialismo, nenhum local se pode refugiar na atitude simplista de que



«Nenhum agente do colonialismo, nenhum local se pode refugiar na atitude simplista de que ignorava os crimes, de que pessoalmente apenas fez um discurso ou uma denúncia»

ignorava os crimes, de que pessoalmente apenas fez um discurso ou uma denúncia.

Nenhum se pode refugiar na posição confortável e falsa de que unicamente conduzia uma viatura da PIDE, de que apenas obedecia a uma ordem superior.

Todos estes actos são as diferentes peças que concorriam para o eficaz funcionamento da máquina da repressão e crime.

Estes actos não têm justificação.

Assim como ninguém perdoa o roubo porque o ladrão está desempregado, assim como ninguém aceita o assassinato porque o criminoso tem filhos e mulher para alimentar, também a tração da Pátria e o massacre do Povo não podem ter qualquer justificação. Reservamos a nossa compaixão, as nossas lágrimas e o nosso luto para as vítimas, não para os carrascos.

Esta reunião permitiu-vos começarem a libertar-se dos fantasmas, dos cadáveres que povoam os vossos pesadelos.

Esta reunião conduz a que cada um olhe para si próprio e assuma na sua integridade o seu passado.

O passado a História não se negam, há que olhar de frente para eles para garantir que o nosso presente e o futuro não sejam triste repetição desse passado.

Não se trata nem de esquecer nem de negar a existência dos vossos crimes. Trata-se sim de, pela coragem em assumir o passado, pelo trabalho honesto na reconstrução nacional, pela dedicação em defender a Pátria, ultrapassar o passado, renascer como um Novo Homem.

Esta reunião traz-vos a consciência de que são moçambicanos, têm uma Pátria, pertencem a um Povo.

SER PATRIOTA E REFORÇAR A UNIDADE NACIONAL

Compatriotas,

Nesta reunião só pôde participar uma pequena parte dos comprometidos que existem no nosso País. Mas tudo o que estamos a dizer e, em particular, as tarefas que vos vamos dar, e que em grande parte já foram definidas aqui por vocês, respeitam a todos os comprometidos no País.

Até ao dia 20 de Junho, até à semana da celebração da Fundação da FRELIMO e da Independência Nacional, nos locais onde estão afixadas as vossas fotografias, os órgãos do Partido deverão organizar reuniões com todos os trabalhadores e todos os comprometidos desse local de trabalho para se retirarem as fotografias afixadas e explicar o vosso processo de libertação.

O processo de libertação não termina com a retirada das vossas fotografias. Esse processo só se realiza através de:

1. O vosso engajamento na produção, no trabalho honesto, na luta intransigente contra a sabotagem, na luta intransigente pelo aumento da produção, da rentabilidade, na luta intransigente contra elemen-

tos anti-sociais, boateiros, marginais, criminosos, antipatrióticos. No vosso engajamento na defesa da Pátria, da soberania e integridade territorial, na defesa da liberdade, na defesa da independência nacional;

2. No vosso engajamento na defesa, reforço da unidade nacional, na criação da Nação moçambicana, no desenvolvimento da personalidade moçambicana, no desenvolvimento social e cultural;
3. No vosso engajamento na defesa da tranquilidade e da ordem pública.

Engajarem-se no trabalho honesto, significa participarem activamente na edificação de uma sociedade justa e próspera para todos.

- significa participar activamente no cumprimento dos planos das empresas, das fábricas, das machambas, das cooperativas;
- significa participarem de forma organizada, voluntária e activamente nas campanhas de alfabetização e educação de adultos, no apoio às escolas e aos hospitais, na limpeza e embelezamento das nossas aldeias: dos nossos bairros, em síntese: das nossas cidades. O que significa construir a paz, construir o bem-estar, construir o progresso e construir a felicidade. Construir sobretudo o amanhã para os nossos filhos. É por eles que aceitamos todo o sacrifício. É pela Pátria e pelos nossos filhos.

Durante esta reunião, muitos se ofereceram voluntariamente para a luta contra os marginais e os bandidos armados. É uma atitude positiva, é uma atitude patriótica e é uma atitude originária de moçambicano, é uma atitude revolucionária.

Queremos que se reintegrem como cidadãos nacionais, participando activamente na vida das



«O compromisso que vocês acabam de proferir nesta sala representa uma intenção e uma vontade que somente a prática das vossas vidas como cidadãos deste país poderá materializar.»

organizações democráticas de massas, sem complexos, na vida política, nas actividades organizadas pelas Assembleias do Povo.

O nosso Partido, o nosso Estado, o nosso Povo, não querem discriminar e marginalizar uma parte dos seus cidadãos.

Queremos que todos sejam patriotas, que todos, na medida das suas possibilidades e capacidades, reforcem cada vez mais o nosso instrumento principal que derrotou o colonialismo que é a unidade nacional, a inviolabilidade das nossas fronteiras, a paz, o progresso, o bem-estar social e a justiça.

SEJAMOS COMO UM SÓ HOMEM

Compatriotas,

Quando entrámos aqui vimos homens despersonalizados e alienados. Com as mesmas dificuldades de raciocínio, de articulação do seu pensamento.

Homens destruídos, acabrunhados.

Homens marcados pelo estigma da traição, pela tragédia de uma vida sem amanhã.

Durante cinco dias falámos do passado. Mas o nosso objectivo é construir o futuro, é assegurar a felicidade, o bem-estar, a paz e a tranquilidade para todo o Povo moçambicano.

Queremos agora que partam daqui para os vossos lares, para as vossas famílias, para os vossos locais de trabalho como homens refeitos e confiantes.

Queremos que vocês vivam e assumam os valores da nova sociedade, queremos que vocês enterrem conscientemente o cadáver do passado e se engajem na defesa da independência e da liberdade.

O compromisso que vocês acabam de proferir nesta sala representa uma intenção e uma vontade que somente a prática das vossas vidas como cidadãos deste país poderá materializar.

Ele é um compromisso solene porque é assumido perante todo o nosso Povo.

Ele é um compromisso de honra, porque é tomado para a defesa e a reconstrução da Pátria moçambicana, a única que é vossa.

Para as vossas mulheres e filhos para os vossos familiares, colegas de trabalho e amigos este é um momento de alegria.

Para o nosso Povo este momento representa mais uma vitória sobre o colonialismo, sobre o tribalismo, sobre o divisionismo, sobre o racismo. Esta é uma vitória da unidade nacional, mais uma vitória na libertação da terra e dos homens.

Por isso, sejamos todos como um só homem. Incorporemo-nos num só homem, num só punho para a defesa da liberdade, para a defesa da independência, para a defesa da Pátria moçambicana, para a formação da Nação moçambicana forte e próspera.

A Luta Continua!
A Revolução Vencerá!
O Socialismo Triunfará!
Obrigado.